

***“Deus nos fala pelo jovem”  
(CNBB, Doc. 85).***

**IDE**

**“Ide e pregai o Evangelho a toda a Criatura”  
(Mc 16,15).**

“Saíamos, saíamos para oferecer a todos a vida de Jesus Cristo!” (EG 49).

“A mística e a eclesiologia de Papa Francisco.  
Que mística e eclesiologia devem animar a ação  
pastoral com os jovens e o Projeto IDE?”.

Tomo como pressuposto que entre a eclesiologia do Papa Francisco e sua espiritualidade existe uma relação muito estreita:

Sua espiritualidade é sua eclesiologia vivida no nível da profundidade, dos valores e das convicções.

A espiritualidade do Papa Francisco pode ser refletida em dois registros: o de seu Magistério e o de sua prática.

# A prática é extremamente simples:

- 1 – Meditação cotidiana (mais de uma hora);
- 2 – Eucaristia diária;
- 3 – Liturgia das Horas;
- 4 – Confissão frequente;
- 5 – Devoção mariana popular;
- 6 – Devoção aos Santos: a S. José e a Santa Teresinha são bem conhecidas.

# O Magistério é amplo:

- 1 – EG: Seguimento de Jesus Cristo e Missão;
- 2 – AL: Família como Evangelho;
- 3 – LS: Contemplação e Compromisso;
- 4 – GEx: Busca atual da Santidade

# Parte I

## Aspectos do Magistério do Papa Francisco

# 1 – Evangelii Gaudium

Desafio: o individualismo

“Quando a vida interior se fecha nos próprios interesses, deixa de haver espaço para os outros, já não entram os pobres, já não se ouve a voz de Deus, já não se goza da doce alegria do seu amor, nem fervilha o entusiasmo de fazer o bem.” (2).

## Remédio: o encontro com Jesus Cristo

“Não me cansarei de repetir estas palavras de Bento XVI que nos levam ao centro do Evangelho: «Ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo»” (7).

“Somente graças a este encontro – ou reencontro – com o amor de Deus, que se converte em amizade feliz, é que somos resgatados da nossa consciência isolada e da auto-referencialidade” (8).

Ao mesmo tempo é uma espiritualidade missionária:

“Aqui está a fonte da ação evangelizadora. Porque, se alguém acolheu este amor que lhe devolve o sentido da vida, como é que pode conter o desejo de o comunicar aos outros?” (8).

“Um anúncio renovado proporciona aos crentes, mesmo tíbios ou não praticantes, uma nova alegria na fé e uma fecundidade evangelizadora [...]. . Com a sua novidade, Jesus Cristo pode sempre renovar a nossa vida e a nossa comunidade, e a proposta cristã, ainda que atravesse períodos obscuros e fraquezas eclesiais, nunca envelhece” (11).

Falando dos batizados que não vivem em conformidade com a fé, põe como objetivo da ação evangelizadora:

“a Igreja esforça-se para que elas vivam uma conversão que lhes restitua a alegria da fé e o desejo de se comprometerem com o Evangelho”  
(14).

# O Primado é de Deus:

“Embora esta missão nos exija uma entrega generosa, seria um erro considerá-la como uma heróica tarefa pessoal, dado que ela é, primariamente e acima de tudo o que possamos sondar e compreender, obra de Deus” (12).

# Conexão com a realidade:

“E também não deveremos entender a novidade desta missão como um desenraizamento, como um esquecimento da história viva que nos acolhe e impele para diante” (13).

A “capacidade de diálogo com o mundo renova a Igreja” (29).

# Dito de outro modo:

“A intimidade da Igreja com Jesus é uma intimidade itinerante” (23).

## Atenção aos limites:

“sem diminuir o valor do ideal evangélico, é preciso acompanhar, com misericórdia e paciência, as possíveis etapas de crescimento das pessoas, que se vão construindo dia após dia” (44).

“o compromisso evangelizador se move por entre as limitações da linguagem e das circunstâncias” (45).

# *Sim ao desafio duma espiritualidade missionária*

“a vida espiritual confunde-se com alguns momentos religiosos que proporcionam algum alívio, mas não alimentam o encontro com os outros, o compromisso no mundo, a paixão pela evangelização” (78).

“Embora rezando, muitos agentes pastorais desenvolvem uma espécie de complexo de inferioridade que os leva a relativizar ou esconder a sua identidade cristã e as suas convicções. Gera-se então um círculo vicioso, porque assim não se sentem felizes com o que são nem com o que fazem, não se sentem identificados com a missão evangelizadora, e isto debilita a entrega. Acabam assim por sufocar a alegria da missão” (79).

“Nos agentes pastorais, independentemente do estilo espiritual ou da linha de pensamento que possam ter, desenvolve-se um relativismo ainda mais perigoso que o doutrinal. Tem a ver com as opções mais profundas e sinceras que determinam uma forma de vida concreta.” (80)

“Este relativismo prático é agir como se Deus não existisse, decidir como se os pobres não existissem, sonhar como se os outros não existissem, trabalhar como se aqueles que não receberam o anúncio não existissem. “ (80).

# Fraternidade Mística

“Nisto está a verdadeira cura: de facto, o modo de nos relacionarmos com os outros que, em vez de nos adoecer, nos cura é uma fraternidade mística, contemplativa, que sabe ver a grandeza sagrada do próximo, que sabe descobrir Deus em cada ser humano, que sabe tolerar as moléstias da convivência agarrando-se ao amor de Deus, que sabe abrir o coração ao amor divino para procurar a felicidade dos outros como a procura o seu Pai bom” (92).

# Cautela com falsa espiritualidade:

“O mundanismo espiritual, que se esconde por detrás de aparências de religiosidade e até mesmo de amor à Igreja, é buscar, em vez da glória do Senhor, a glória humana e o bem-estar pessoal” (93).

# O Que alimenta o mundanismo:

Uma das maneiras de alimentar o mundanismo “é o fascínio do gnosticismo, uma fé fechada no subjetivismo, onde apenas interessa uma determinada experiência ou uma série de raciocínios e conhecimentos que supostamente confortam e iluminam, mas, em última instância, a pessoa fica enclausurada na imanência da sua própria razão ou dos seus sentimentos” (94).

“A outra maneira é o neopelagianismo auto-referencial e prometeuco de quem, no fundo, só confia nas suas próprias forças e se sente superior aos outros por cumprir determinadas normas ou por ser irredutivelmente fiel a um certo estilo católico próprio do passado” (94).

“Este obscuro mundanismo manifesta-se em muitas atitudes, aparentemente opostas mas com a mesma pretensão de «dominar o espaço da Igreja». Nalguns, há um cuidado exibicionista da liturgia, da doutrina e do prestígio da Igreja, mas não se preocupam que o Evangelho adquira uma real inserção no povo fiel de Deus e nas necessidades concretas da história” (95).

“Noutros, o próprio mundanismo espiritual esconde-se por detrás do fascínio de poder mostrar conquistas sociais e políticas, ou numa vanglória ligada à gestão de assuntos práticos, ou numa atracção pelas dinâmicas de auto-estima e de realização autoreferencial” (95).

# Piedade popular:

“As formas próprias da religiosidade popular são encarnadas, porque brotaram da encarnação da fé cristã numa cultura popular. Por isso mesmo, incluem uma relação pessoal, não com energias harmonizadoras, mas com Deus, Jesus Cristo, Maria, um Santo. Têm carne, têm rostos. Estão aptas para alimentar potencialidades relacionais e não tanto fugas individualistas” (90).

Ela “comporta a graça da missionariedade, do sair de si e do peregrinar” (124).

“Só a partir da conaturalidade afetiva que dá o amor é que podemos apreciar a vida teologal presente na piedade dos povos cristãos, especialmente nos pobres” (125).

“Na piedade popular, por ser fruto do Evangelho inculturado, subjaz uma força ativamente evangelizadora que não podemos subestimar: seria ignorar a obra do Espírito Santo” (126).

“As expressões da piedade popular têm muito que nos ensinar e, para quem as sabe ler, são um lugar teológico a que devemos prestar atenção particularmente na hora de pensar a nova evangelização.” (126).

# Mistagogia espiritual:

“A iniciação *mistagógica* significa essencialmente duas coisas: a necessária progressividade da experiência formativa na qual intervém toda a comunidade e uma renovada valorização dos sinais litúrgicos da iniciação cristã” (166).

# Personalizar os processos:

“A Igreja deverá iniciar os seus membros – sacerdotes, religiosos e leigos – nesta «arte do acompanhamento», para que todos aprendam a descalçar sempre as sandálias diante da terra sagrada do outro (cf. *Ex 3, 5*). Devemos dar ao nosso caminhar o ritmo salutar da proximidade, com um olhar respeitoso e cheio de compaixão, mas que ao mesmo tempo cure, liberte e anime a amadurecer na vida cristã” (169).

“Embora possa soar óbvio, o acompanhamento espiritual deve conduzir cada vez mais para Deus, em quem podemos alcançar a verdadeira liberdade [...] O acompanhamento seria contraproducente, caso se tornasse uma espécie de terapia que incentive a reclusão das pessoas na sua imanência e deixe de ser uma peregrinação com Cristo para o Pai.” (170).

“Por isso, faz falta «uma pedagogia que introduza a pessoa passo a passo até chegar à plena apropriação do mistério»” (171).

“O acompanhamento espiritual autêntico começa sempre e prossegue no âmbito do serviço à missão evangelizadora” (173).

# Centralidade da Palavra de Deus:

“Toda a evangelização está fundada sobre a Palavra escutada, meditada, vivida, celebrada e testemunhada. A Sagrada Escritura é fonte da evangelização. Por isso, é preciso formar-se continuamente na escuta da Palavra. A Igreja não evangeliza, se não se deixa continuamente evangelizar” (174).

“Palavra de Deus ouvida e celebrada, sobretudo na Eucaristia, alimenta e reforça interiormente os cristãos e torna-os capazes de um autêntico testemunho evangélico na vida diária”(174).

“Superámos já a velha contraposição entre Palavra e Sacramento: a Palavra proclamada, viva e eficaz, prepara a recepção do Sacramento e, no Sacramento, essa Palavra alcança a sua máxima eficácia” (174).

## Sensibilidade social:

“O *querigma* possui um conteúdo inevitavelmente social: no próprio coração do Evangelho, aparece a vida comunitária e o compromisso com os outros. O conteúdo do primeiro anúncio tem uma repercussão moral imediata, cujo centro é a caridade” (177).

“A beleza do Evangelho nem sempre a conseguimos manifestar adequadamente, mas há um sinal que nunca deve faltar: a opção pelos últimos, por aqueles que a sociedade descarta e lança fora.” (193).

“Somos chamados a descobrir Cristo neles: não só a emprestar-lhes a nossa voz nas suas causas, mas também a ser seus amigos, a escutá-los, a compreendê-los e a acolher a misteriosa sabedoria que Deus nos quer comunicar através deles” (198).

# Cap 5: Evangelizadores com espírito

“Evangelizadores com Espírito quer dizer evangelizadores que se abrem sem medo à acção do Espírito Santo” (259).

“Este imperativo de ouvir o clamor dos pobres faz-se carne em nós, quando no mais íntimo de nós mesmos nos comovemos à vista do sofrimento alheio” (195).

“A primeira motivação para evangelizar é o amor que recebemos de Jesus, aquela experiência de sermos salvos por Ele que nos impele a amá-Lo cada vez mais. Um amor que não sentisse a necessidade de falar da pessoa amada, de a apresentar, de a tornar conhecida, que amor seria? Se não sentimos o desejo intenso de comunicar Jesus, precisamos de nos deter em oração para Lhe pedir que volte a cativar-nos. Precisamos de o implorar cada dia, pedir a sua graça para que abra o nosso coração frio e sacuda a nossa vida tibia e superficial” (264).

“Esta convicção, porém, é sustentada com a experiência pessoal, constantemente renovada, de saborear a sua amizade e a sua mensagem. Não se pode perseverar numa evangelização cheia de ardor, se não se está convencido, por experiência própria, que não é a mesma coisa ter conhecido Jesus ou não O conhecer, [...] não é a mesma coisa poder escutá-Lo ou ignorar a sua Palavra, não é a mesma coisa poder contemplá-Lo, adorá-Lo, descansar n’Ele ou não o poder fazer” (266).

“O amor às pessoas é uma força espiritual que favorece o encontro em plenitude com Deus” (272).

“Há uma forma de oração que nos incentiva particularmente a gastarmo-nos na evangelização e nos motiva a procurar o bem dos outros: é a intercessão” (281).

# Espiritualidade mariana

“Juntamente com o Espírito Santo, sempre está Maria no meio do povo. Ela reunia os discípulos para O invocarem (*At 1, 14*), e assim tornou possível a explosão missionária que se deu no Pentecostes. Ela é a Mãe da Igreja evangelizadora e, sem Ela, não podemos compreender cabalmente o espírito da nova evangelização.” (284).

“A ligação íntima entre Maria, a Igreja e cada fiel, enquanto de maneira diversa geram Cristo, foi maravilhosamente expressa pelo Beato Isaac da Estrela:

«Nas Escrituras divinamente inspiradas, o que se atribui em geral à Igreja, Virgem e Mãe, aplica-se em especial à Virgem Maria (...). Além disso, cada alma fiel é igualmente, a seu modo, esposa do Verbo de Deus, mãe de Cristo, filha e irmã, virgem e mãe fecunda. (...) No tabernáculo do ventre de Maria, Cristo habitou durante nove meses; no tabernáculo da fé da Igreja, permanecerá até ao fim do mundo; no conhecimento e amor da alma fiel habitará pelos séculos dos séculos» (285).

“É lá, nos santuários, que se pode observar como Maria reúne ao seu redor os filhos que, com grandes sacrifícios, vêm peregrinos para A ver e deixar-se olhar por Ela. Lá encontram a força de Deus para suportar os sofrimentos e as fadigas da vida” (286).

Laudato Si

# N. 216

“A grande riqueza da espiritualidade cristã, proveniente de vinte séculos de experiências pessoais e comunitárias, constitui uma magnífica contribuição para o esforço de renovar a humanidade.”

“aquilo que o Evangelho nos ensina tem consequências no nosso modo de pensar, sentir e viver. Não se trata tanto de propor ideias, como sobretudo falar das motivações que derivam da espiritualidade para alimentar uma paixão pelo cuidado do mundo. Com efeito, não é possível empenhar-se em coisas grandes apenas com doutrinas, sem uma mística que nos anima”

# Gratidão e gratuidade

“Esta conversão ecológica comporta várias atitudes que se conjugam para activar um cuidado generoso e cheio de ternura. Em primeiro lugar, implica gratidão e gratuidade, ou seja, um reconhecimento do mundo como dom recebido do amor do Pai, que consequentemente provoca disposições gratuitas de renúncia e gestos generosos, mesmo que ninguém os veja nem agradeça” (220).

# Vida Simples

“A espiritualidade cristã propõe uma forma alternativa de entender a qualidade de vida, encorajando um estilo de vida profético e contemplativo, capaz de gerar profunda alegria sem estar obcecado pelo consumo. [...] A espiritualidade cristã propõe um crescimento na sobriedade e uma capacidade de se alegrar com pouco.” (220).

# Atenção

“Falamos aqui duma atitude do coração, que vive tudo com serena atenção, que sabe manter-se plenamente presente diante duma pessoa sem estar a pensar no que virá depois, que se entrega a cada momento como um dom divino que se deve viver em plenitude” (226).

# Relações

“O amor, cheio de pequenos gestos de cuidado mútuo, é também civil e político, manifestando-se em todas as acções que procuram construir um mundo melhor” (231).

# Sacramentalidade ampla

“O ideal não é só passar da exterioridade à interioridade para descobrir a acção de Deus na alma, mas também chegar a encontrá-Lo em todas as coisas”(233).

# Sacramentos

“Os sacramentos constituem um modo privilegiado em que a natureza é assumida por Deus e transformada em mediação da vida sobrenatural. Através do culto, somos convidados a abraçar o mundo num plano diferente. A água, o azeite, o fogo e as cores são assumidas com toda a sua força simbólica e incorporam-se no louvor” (235).

“A criação encontra a sua maior elevação na Eucaristia. A graça, que tende a manifestar-se de modo sensível, atinge uma expressão maravilhosa quando o próprio Deus, feito homem, chega ao ponto de fazer-Se comer pela sua criatura. No apogeu do mistério da Encarnação, o Senhor quer chegar ao nosso íntimo através dum pedaço de matéria. Não o faz de cima, mas de dentro, para podermos encontrá-Lo a Ele no nosso próprio mundo” (236).

# Espiritualidade Trinitária

“O Pai é a fonte última de tudo, fundamento amoroso e comunicativo de tudo o que existe. O Filho, que O reflecte e por Quem tudo foi criado, uniu-Se a esta terra, quando foi formado no seio de Maria. O Espírito, vínculo infinito de amor, está intimamente presente no coração do universo, animando e suscitando novos caminhos.” (238).

# Espiritualidade Mariana

“Elevada ao céu, é Mãe e Rainha de toda a criação. No seu corpo glorificado, juntamente com Cristo ressuscitado, parte da criação alcançou toda a plenitude da sua beleza” (241).

Gaudete et Exsultate

“O meu humilde **objetivo** é fazer ressoar mais uma vez o chamado à santidade, procurando encarná-la no contexto atual, com os seus riscos, desafios e oportunidades” (2).

# Concretizada em testemunhos

Deixemo-nos estimular pelos sinais de santidade que o Senhor nos apresenta através dos membros mais humildes do povo (8).

A santidade é o rosto mais belo da Igreja (9).

Cada santo é uma mensagem que o Espírito Santo extrai da riqueza de Jesus Cristo e dá ao seu povo (21).

# Fonte Batismal

“Deixa que a graça do teu *Batismo* frutifique num caminho de santidade. Deixa que tudo esteja aberto a Deus e, para isso, opta por Ele, escolhe Deus sem cessar” (15).

# Pequenos gestos

“Esta santidade, a que o Senhor te chama, irá *crescendo com pequenos gestos*. Por exemplo, uma senhora vai ao mercado fazer as compras, encontra uma vizinha, começam a falar e... surgem as críticas. Mas esta mulher diz para consigo: «Não! Não falarei mal de ninguém». Isto é um passo rumo à santidade” (16).

# Espiritualidade e Missão

Não é possível imaginar a própria *missão* na terra, sem a conceber como um caminho de santidade (19).

# Espiritualidade abrangente

Precisamos dum *espírito de santidade* que impregne tanto a solidão como o serviço, tanto a intimidade como a tarefa evangelizadora, *para que cada instante seja expressão de amor doado sob o olhar do Senhor*. Desta forma, todos os momentos serão degraus no nosso caminho de santificação (31)

# Espiritualidade e humanização

A santidade não te torna menos humano, porque é o encontro da tua fragilidade com a força da graça (34). “Na própria sociedade terrena, esta santidade promove um modo de vida mais humano” (LG 40).

# Falsa Espiritualidade

Em breve resumo, o gnosticismo atribui um valor excessivo ao conhecimento de tipo religioso, risco indicado pelo papa é o de “transformar a experiência cristã em um conjunto de elucubrações mentais que terminam por distanciar do frescor do Evangelho”.

O pelagianismo se caracteriza pelo “contar unicamente com as próprias forças”, dele o papa denuncia “a falta de um reconhecimento sincero, sofrido e orante, dos nossos limites”, o que “impede à graça de agir melhor em nós”.

# Hierarquia das virtudes

Para evitar isso, é bom recordar frequentemente que existe uma *hierarquia das virtudes*, que nos convida a buscar o essencial. A primazia pertence às virtudes teologais, que têm Deus como objeto e motivo. (60).

# Espiritualidade e felicidade

A palavra «feliz» ou «bem-aventurado» torna-se sinónimo de «santo», porque expressa que a pessoa fiel a Deus e que vive a sua Palavra alcança, na doação de si mesma, a verdadeira felicidade. (64).

Ser pobre no coração: isto é santidade (70);  
Reagir com humilde mansidão: isto é santidade  
(74); Saber chorar com os outros: isto é  
santidade (76); Buscar a justiça com fome e  
sede: isto é santidade (79); Olhar e agir com  
misericórdia: isto é santidade (82); Manter o  
coração limpo de tudo o que mancha o amor:  
isto é santidade (86); Semear a paz ao nosso  
redor: isto é santidade (89); Abraçar diariamente  
o caminho do Evangelho mesmo que nos  
acarrete problemas: isto é santidade (94).

# Espiritualidade e Misericórdia

“Quando encontro uma pessoa a dormir ao relento, numa noite fria, posso sentir que este vulto seja um imprevisto que me detém, um delinquente ocioso, um obstáculo no meu caminho, um aguilhão molesto para a minha consciência, um problema que os políticos devem resolver e talvez até um monte de lixo que suja o espaço público”..

... “Ou então posso reagir a partir da fé e da caridade e reconhecer nele um ser humano com a mesma dignidade que eu, uma criatura infinitamente amada pelo Pai, uma imagem de Deus, um irmão redimido por Jesus Cristo. Isto é ser cristão! Ou poder-se-á porventura entender a santidade prescindindo deste reconhecimento vivo da dignidade de todo o ser humano?” (98)

No quarto capítulo (algumas características da santidade no mundo atual), o Papa apresenta algumas características da santidade no mundo de hoje, com as quais pretende ajudar a progredir no caminho da santificação: oração constante, saber suportar, ter paciência, ser manso... mas inclui algumas surpreendentes: alegria e senso de humor, audácia, fervor... mas insiste que o percurso da santidade se faz sempre em comunidade.

# Espiritualidade e detalhes

o pequeno detalhe do vinho que estava a acabar numa festa;

...duma ovelha que faltava;

...da viúva que ofereceu as duas moedinhas que tinha;

...de ter azeite de reserva para as lâmpadas, caso o noivo se demore;

...de pedir aos discípulos que vissem quantos pães tinham;

...de ter a fogueira acesa e um peixe na grelha enquanto esperava os discípulos ao amanhecer.

**No capítulo quinto (luta, vigilância e discernimento), o papa reflete sobre a necessidade de combate, vigilância e discernimento: contra a mentalidade mundana, contra as próprias inclinações desordenadas, mas também contra o Maligno.**

“Não se trata apenas de uma luta contra o mundo e a *mentalidade mundana*, que nos engana, atordoa e torna medíocres sem empenhamento e sem alegria. Nem se reduz a uma luta contra a própria fragilidade e as *próprias inclinações* (cada um tem a sua: para a preguiça, a luxúria, a inveja, os ciúmes, etc.). Mas é também uma luta constante *contra o demónio*, que é o príncipe do mal”(159).

“Então, não pensemos que seja um mito, uma representação, um símbolo, uma figura ou uma ideia. Este engano leva-nos a diminuir a vigilância, a descuidar-nos e a ficar mais expostos. *O demónio não precisa de nos possuir. Envenena-nos* com o ódio, a tristeza, a inveja, os vícios. E assim, enquanto abrandamos a vigilância, ele aproveita para destruir a nossa vida, as nossas famílias e as nossas comunidades, porque, «como um leão a rugir, anda a rondar-vos, procurando a quem devorar» (1Pd 5, 8)” (161).

# Conclusão

“Espero que estas páginas sejam úteis para que toda a Igreja se dedique a promover o desejo da santidade. Peçamos ao Espírito Santo que infunda em nós um desejo intenso de ser santos para a maior glória de Deus; e animemo-nos uns aos outros neste propósito. Assim, compartilharemos uma felicidade que o mundo não poderá tirar-nos.”

Parte II

Reflexão sobre alguns  
temas

Espiritualidade / Mística

## Espiritualidade:

- como compreendê-la?
- como vivê-la?
- como propô-la?

- | -

# Espiritualidade

- sua compreensão -

Espiritualidade pode indicar:

- um setor da realidade
- uma dimensão da existência humana
- uma forma de vida

Como forma de vida, ela integra:

- Os setores da realidade
- As dimensões da existência

Ela é uma “qualidade” da experiência e se articula com o sentido global da vida.

“Quando se diz de uma realidade que tem «espírito», indica-se habitualmente uma moção interior que impele, motiva, encoraja e dá sentido à acção pessoal e comunitária.” (EG 261).

No contexto atual se fala principalmente de mística.

A busca de experiências místicas é uma das características atuais da cultura ocidental.

A busca de experiência mística atualmente se caracteriza por algumas notas:

- Reage ao domínio técnico dos vários âmbitos da vida;

- Tem caráter anti-institucional;

- É concebida como peregrinação pessoal;

- Tende ao sincretismo;

Trata-se da busca de um caminho espiritual que é imaginado como condutor à situação de plenitude humana e de satisfação.

N.B.: em vista da evangelização, no contexto atual, é determinante para a aceitabilidade do anúncio cristão a qualidade da experiência religiosa / mística que a fé cristã seja capaz de proporcionar. Para isto leva-se em conta:

- a profundidade de vida de oração que seja capaz de gerar;
- a iniciação ao encontro com Deus que seja capaz de oferecer.

# Um cristianismo místico (K. Rahner)

“Caberia dizer que o cristão do futuro será um místico, o seja, uma pessoa que experimentou algo, o não será cristão. Porque a espiritualidade do futuro já não se apoiará em uma convicção unânime, evidente e pública, nem em um ambiente religioso generalizado, prévios à experiência e à decisão pessoais”

(“Espiritualidade antiga e atual”, em: *Escritos de Teología*, vol. VII, Madrid, 1969, p. 25).

Decisivo: “experimentou algo”.

Diríamos:

vivencia uma relação pessoal com Deus que é determinante para sua existência.

Na sequência, K. Rahner completa com outros elementos que caracterizam essa experiência:

- Necessidade de disciplina pessoal livremente autoimposta de exercícios e de práticas;
- Inserção da espiritualidade na vida cotidiana em seus vários aspectos (também sociais);
- Eclesialidade;
- Caráter fraterno e comunitário;
- Concentração sóbria no essencial da fé cristã de sempre.

# Conceito de mística

- Experiência religiosa genuína de encontro com o Mistério absoluto e transcendente;
- Dito em termos especificamente cristãos:

Experiência pessoal de encontro com

Deus, com o Deus uno e trino, com o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo no Espírito Santo.

Trata-se de: experiência pessoal, familiar, íntima, de encontro com Deus vivo e verdadeiro.

# Mediações para a experiência Mística

São mediações privilegiadas e seguras:

1 – A Sagrada Escritura

2 – A liturgia / os sacramentos

3 – A fraternidade eclesial (irmãos / pobres)

4 – A missão

- || -

Espiritualidade  
- sua vivência -

# 1 – A Sagrada Escritura

O Livro sagrado nos oferece

- paradigmas pessoais,
- Critérios,
- Inspiração,

Para progredirmos com passos seguros nos mistérios de Deus, experimentá-los, conhecê-los e “explorá-los”.

- 1Cor 2,16: o pensamento
- Fl 2,5-11: os sentimentos
- Tg 1,18.21b: nos gera, é implantada e salva nossa vida
- 2Pd 1,4: pelas preciosas promessas, a participação na natureza divina

Palavra: comunicação

Revelação: dar a conhecer

Portanto: a experiência de Deus parte  
necessariamente da sua Palavra

## Relação com a Palavra:

1 – Proclamação litúrgica;

2 – Leitura Orante;

3 – Estudo;

4 – Anúncio.

## 2 – A liturgia / os sacramentos

As formas rituais são necessárias antropologicamente: não somos só inteligência / espírito, somos corpo.

A autenticidade de nossas experiências requerem relações nessas duas dimensões de nossa existência.

Teologicamente:

Jesus Cristo se faz presente:

- Onde uma comunidade se reúne em seu nome;
- Na sagrada liturgia, de várias formas;
- Nos pobres e sofredores.

Nos sacramentos se encontra uma presença objetiva da graça. São símbolos reais, são sinais eficazes.

A vida litúrgica da Igreja requer uma iniciação e uma mistagogia.

**INICIAÇÃO:** aprender a “gramática” dessa forma de relação;

**MISTAGOGIA:** aprender a progredir no caminho da comunhão com Deus.

## 2.1 Iniciação

1 – O significado antropológico, comunitário e tológico da ritualidade (celebração / memorial);

2 – A linguagem da liturgia: aprender a conformar o pensamento às palavras.

## 2.1 *Mistagogia*

“[...] ajuda a descobrir o significado e o peso dos gestos e das palavras (*ritus et preces*) da liturgia, ajudando os fiéis a passar dos sinais ao mistério e a engajar nisso toda a sua existência”

(João Paulo II, *Mane nobiscum Domine*, 17)

SS João Paulo II, Mensagem ao Card. Arinze, n. 3 e 5, 3 de março de 2005:

“A liturgia é uma ação realizada pelo próprio Cristo, como sumo e eterno Sacerdote da Nova Aliança, envolvendo todo o seu Corpo místico (cf. SC 7). Cristo está presente sobretudo na Celebração eucarística, reapresentação viva do Mistério pascal, e a sua ação é participada e compartilhada de maneira apropriada à nossa humanidade, necessitada de palavras, de sinais e de ritos”...

“A eficácia de tal ação é fruto da obra do Espírito Santo, mas exige também a resposta por parte do homem. *A ars celebrandi* exprime precisamente a capacidade dos ministros ordenados e de toda a assembleia, reunida para a celebração, de realizar e de viver o sentido de cada um dos atos litúrgicos”

“Trata-se de uma arte que se faz uma só coisa com o compromisso da contemplação e da coerência cristã.

Através dos ritos e das orações, é necessário deixar-se alcançar e impregnar intimamente pelo Mistério” (n. 3)

“Outro tema [...] é o da formação litúrgica, componente fundamental da preparação dos futuros presbíteros e dos diáconos, dos ministros e dos religiosos, mas inclusivamente uma dimensão permanente da catequese para todos os fiéis”...

“É urgente que nas comunidades paroquiais, nas associações e nos movimentos eclesiais sejam garantidos percursos formativos adequados, a fim de que a liturgia seja melhor conhecida na riqueza da sua linguagem e vivida plenamente. Na medida em que isto for feito, os seus influxos benéficos serão experimentados na vida pessoal e comunitária” (n. 5).

# Mais uma coisa...

A confissão:

Caminho espiritual personalizado ao máximo...

É preciso recuperar o sentido do confessar-se:

Encontro pessoal com a graça que perdoa e fortifica (Nem controle institucional, nem psicanálise, nem superficialidade)

# Liturgia e Relações

- 1 – Com a eclesialidade (corpo de Cristo)
- 2 – Com a solidariedade
- 3 – Com a ecologia

# 3 – A fraternidade eclesial (irmãos / pobres)

## 3.1 Os Irmãos:

A Igreja é uma fraternidade, é família da qual Deus é Pai e na qual todos são irmãos, iguais em dignidade, diversos pelos carismas e ministérios.

Viver essa experiência de unidade na diversidade é fonte da mística cristã.

A Escritura nos ensina que nessa fraternidade:

-Se vive em comunhão;

-Os bens são partilhados;

-Uns suportam os outros;

-O perdão é pao quotidiano;

-Há rivalidade, mas no fazer o bem;

-Todos se antecipam nas atenções recíprocas.

A comunidade de fé é um referencial fundamental para a vivência da espiritualidade / mística.

Aqui se encontra um princípio de resistência crítica e profética à indiferença (individualismo) globalizada.

## 3.2 Os pobres e sofredores:

- Controverso tema da opção preferencial pelos pobres.
- Trata-se de uma das colunas mestras da autêntica experiência cristã.
- Não há mística autêntica sem relação com os Pobres e sofredores.

O fundamento último da opção pelos pobres é estritamente religioso, não simplesmente moral e menos ainda ideológico. Efetivamente, é por razões cristológicas que a Igreja, e não só na América Latina e Caribe, fez uma clara e irreversível opção preferencial pelos pobres.

Num texto extremamente rico (LG 8,3), o Concílio dá três razões que fundamentam essa opção. A primeira é que Cristo mesmo assumiu a condição dos pobres: Ele, “de rico que era, se fez pobre por amor de nós” (2Cor 8,9).

Retomando essa passagem, Bento XVI, em seu discurso de abertura dos trabalhos da V Conferência (Aparecida), afirma:

“A opção preferencial pelos pobres está implicada na fé cristológica” (n. 3).

A segunda razão é que Cristo foi enviado nomeadamente aos pobres (cf. Lc 4,18) e a todos os perdidos (cf. Lc 19,10). O amor de Cristo pelos pobres é especial, estendendo-se a toda a sorte de “perdidos”.

Neste sentido, S. João Paulo II afirmou: “fiz e faço minha tal opção, me identifico com ela. Sinto que não poderia ser diferente, já que esta é a eterna mensagem do Evangelho: assim o fez Cristo, assim fizeram os apóstolos, assim faz a Igreja no decurso de sua história duas vezes milenar” (Discurso natalino à Cúria Romana, 21 de dezembro de 1984: AAS 77 [1985] 510).

Uma última razão, segundo a LG, para fundar a preferência da Igreja pelos pobres é que Cristo se identificou com eles (cf. Mt 25,34-51) e neles se deixa encontrar.

De cada uma dessas razões, o Concílio tira uma lição, respectivamente:

- imitar a pobreza de Cristo
- ajudar os pobres a se libertarem
- servir a Cristo nos pobres.

“Somos chamados a descobrir Cristo neles: não só a emprestar-lhes a nossa voz nas suas causas, mas também a ser seus amigos, a escutá-los, a compreendê-los e a acolher a misteriosa sabedoria que Deus nos quer comunicar através deles” (Papa Francisco, EG 198).

A “opção preferencial pelos pobres”, com esta formulação, foi pela primeira vez tematizada em um documento oficial na III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano (Cf. *DP*, 382 [cf. ainda 707, 733]).

A mesma opção foi reafirmada pela V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e Caribenho, em Aparecida (Brasil, 2007) (cf. *DA*, 396, que explicita: «Que seja preferencial implica que deve atravessar todas as nossas estruturas e prioridades pastorais»).

Dela a tradição desenvolveu uma série de práticas e um acento característico na espiritualidade. Duas expressões que haurem daqui sua força são a designação dos pobres como «sacramento de Cristo», como também a expressão tradicional «sacramento do irmão».

## 4 – A missão

Aqui nos interessa a missão como fonte de espiritualidade.

Moisés: não fui eu quem pariu este povo para ter de carregá-lo...

... risca-me a mim do livro que andas escrevendo, mas ao povo, deixa-o viver.

A esposa diz ao esposo:

Já estou limpa, em meu leito, não vou sujar os  
pés para abrir-te a porta...

Escada pela qual se sobe se desce.

- ||| -

Espiritualidade  
- sua proposta -

Mediações para uma proposta pastoral da  
Espiritualidade:

Questão central em nossos dias, o que se espera do cristianismo, em grande medida é que seja capaz de oferecer algo consistente para os que têm sede de Deus.

Concílio Vaticano II: LG capítulo V – vocação universal à santidade;

S. João Paulo II: santidade como horizonte de toda a pastoral

Papa Francisco: um chamado atual à santidade dirigido a todos